



Seminários Essenciais

Antigo Testamento – parte 1

Aula 3: Gênesis 12-50

*Este material foi traduzido pela Igreja Batista Calvário em Pinhais

INTRODUÇÃO:

“Existe alguma coisa difícil demais para o Senhor?” (Gênesis 18.14). Aqui é Deus falando. Abraão tinha cerca de 100 anos; sua esposa Sara, cerca de 90. Deus tinha acabado de lhes dizer que eles iriam conceber um filho, o primeiro dos dois juntos, após décadas de esterilidade e envelhecimento, dentro de um ano. E eles riram dele.

Abraão riu em voz alta (17.17). Sara riu para si mesma. O que Deus prometeu a eles era tão ridículo e absurdo, tão... *inconcebível*... simplesmente não podia acontecer. Seus corpos estavam praticamente mortos. Deus devia estar brincando, ou não sendo sincero, ou talvez até mesmo enganado. Então, eles riram. E Deus os corrigiu. Ele perguntou: “Existe alguma coisa difícil demais para o Senhor? Voltarei por esta época, no ano que vem, e Sara terá um filho.” (Gênesis 18:14)

Um ano depois, quando a Sara nasceu um filho em sua velhice, Deus se certificou de que eles se lembrassem de sua falta de fé. Ordenou que pusessem o nome do filho de “Isaque”, que significa: “Ele ri”. Parece que a risada de zombaria da descrença deles se transformou em uma risada de alegria.

Se você veio na nossa aula sobre os primeiros capítulos de Gênesis, talvez já tenha notado que na aula de hoje buscaremos cobrir a maior parte do livro, capítulos 12-50. Na semana passada, vimos os dois primeiros principais eventos de Gênesis – a criação e a queda de Adão e Eva. Nesta semana, veremos o terceiro evento principal, que acabei de descrever – o estabelecimento de uma família especial por meio de Abraão.

Mas, então, do que todos esses 38 capítulos de Gênesis falam? Eles nos dão uma visão da vida e das famílias de Abraão, de seu filho Isaque e de seu neto Jacó. (Esses três também são conhecidos como os Patriarcas). Compreender essa linhagem familiar é crucial para nosso entendimento da Bíblia, porque por meio deles Deus começa a desenvolver seu plano de redenção, que podemos resumir em algumas frases: o *povo* especial de Deus vivendo no *lugar* especial de Deus, sob o *governo* especial de Deus. Povo, lugar e governo.

Podemos resumir esta parte de Gênesis assim:

Deus está fazendo uma aliança graciosa com um homem e seus descendentes, a qual abençoará o mundo inteiro. Nessa aliança, Deus promete ser o Deus deles. Ele também promete, de modo unilateral, que eles serão seu povo especial, que viverão no lugar que ele escolheu e que desfrutarão de um relacionamento único com ele, sob seu governo.

ESBOÇO:

Para orientá-lo quanto ao nosso tempo juntos nesta manhã, depois de uma pequena base para entendermos a aula de hoje, vamos percorrer somente as três gerações de Gênesis (a de Abraão, a de Isaque e a de Jacó), procurando entender como o plano de redenção de Deus se desdobra através

delas: o povo de Deus no lugar escolhido de Deus, sob o governo de Deus. Começaremos por um breve resumo desses capítulos para vocês terem uma noção do contexto deles:

(1) Abraão: A vida e os tempos em que ele viveu são encontrados nos capítulos 12-23. Eles detalham o chamado de Deus a Abraão para ir para fora da Mesopotâmia. Revelam a progressão das promessas feitas a ele. Então, no final desta seção de capítulos, Deus finalmente confirma tudo o que tinha dito a ele, estabelecendo um sinal para a aliança – a circuncisão – e dando-lhe um novo nome: Abraão. Também revelam a história familiar conturbada para Abraão, tanto no seu casamento, quanto com seu sobrinho Ló.

(2) Isaque: A próxima seção de Gênesis cobre a vida adulta de Isaque e vai dos capítulos 24 a 28. Como é bastante sabido, Isaque e sua esposa Rebeca tiveram filhos gêmeos, Jacó e Esaú. Como tinha acontecido com Abraão, o lar de Isaque também sofria com o pecado e com a falta de fé – um lembrete humilhante para nós, por sermos filhos deles na fé, da misericórdia duradoura e do amor inabalável de Deus.

(3) Jacó: A vida adulta e familiar de Jacó ocupa quase toda a segunda metade do livro, detalhando seus múltiplos casamentos e, portanto, sua vida familiar terrivelmente problemática. Mas Moisés chama nossa atenção, mais uma vez, para um dos filhos deste patriarca: neste caso, José. Esta é a história rica e comovente do filho favorito que irritava a todo mundo e é vendido por seus irmãos como escravo no Egito, indo, depois, até para a prisão. Deus, então, o tira da prisão para ocupar o cargo mais elevado do país. José usa essa posição para cumprir, parcialmente, as promessas de Deus a seu bisavô: ser uma bênção para as nações. Ele livra as outras nações e até mesmo sua própria família de uma fome devastadora.

À medida que for lendo este livro, você verá quão rico, elaborado e surpreendente é o plano de Deus. Mulheres idosas dão à luz filhos, irmãos mais novos governam sobre os mais velhos, homens arrogantes se tornam humildes, escravos são feitos governantes e aqueles que não tem lar recebem um. A história da promessa e do cumprimento de Deus não se desenvolve como as histórias humanas normais. O inesperado e o impossível estão em tudo. Os planos do homem são constantemente frustrados e a soberania de Deus é suprema.

Percebem? Deus arquitetou seu plano de salvação para estimular a nossa confiança nele. Se ele consegue realizar tantas reviravoltas como as deste livro, ele poderá operar mudanças assim até mesmo em nossas vidas e em nosso tempo, para sua própria glória.

Uma recapitulação de Gênesis 1-11 (o problema)

Entretanto, antes de entrarmos propriamente em Gênesis 12-50, vamos nos lembrar de Gênesis 1-11. Deus fez tudo o que existe, incluindo Adão e Eva. Ele lhes deu um *lugar* especial para viverem, ordenou que fossem fecundos e se multiplicassem tornando-se um numeroso *povo*, espalhado por todo o globo terrestre, e os colocou debaixo do governo benevolente e perfeito de seu reino.

Então, eles pecaram.

Mas, assim como Deus condenou Adão e Eva, também lhes deu o primeiro vislumbre de esperança em uma promessa de salvação. Após lançar a maldição sobre Eva, a mãe de toda a humanidade, Deus também disse:

“Farei que haja inimizade
entre você e a mulher,
e entre a sua descendência e o descendente dela.
Ele lhe ferirá a cabeça,
e você lhe ferirá o calcanhar.” (3.15)

Lembre-se de que essa “inimizade” é, na verdade, uma boa notícia. Significa que a semente da mulher lutará contra a semente da serpente e que um dia a semente da mulher prevalecerá. Esse descendente prometido irá restaurar o povo de Deus ao lugar preparado por Deus, sob o governo de Deus. E, agora, nesta segunda parte de Gênesis, vemos este plano começar a entrar em ação.

A título de revisão histórica, Moisés ainda é o nosso autor. A partir do capítulo 12, podemos começar a atribuir algumas datas a esses eventos. Vamos retomar a história hoje com Abraão, cuja narrativa se passa por volta de 2.000 anos a.C. (cerca de 100 anos a mais ou a menos). E vamos cobrir a vida de José, cuja morte podemos datar em algum momento por volta de 1800 a.C.

1. DEUS E ABRAÃO:

Tendo isso como pano de fundo, vamos voltar ao nosso texto. Começaremos com a história de Abraão. Abram no **capítulo 12, versículos 1-3**:

O Senhor tinha dito a Abrão: “Deixe sua terra natal, seus parentes e a família de seu pai e vá à terra que eu lhe mostrarei. Farei de você uma grande nação, o abençoarei e o tornarei famoso, e você será uma bênção para outros. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem. Por meio de você, todas as famílias da terra serão abençoadas.”

Nessas promessas feitas a Abraão, vemos os propósitos de Deus para seu reino: seu povo em seu lugar certo, sob seu governo. Vamos ver cada um desses elementos do reino, começando com o *lugar escolhido por Deus*, a terra que ele promete a Abraão.

No versículo 1, Deus promete uma terra a Abraão. Esta terra é significativa porque você deve se lembrar que, com o pecado de Adão e Eva, eles foram expulsos da terra perfeita do Éden. A terra prometida aqui a Abraão, a terra de Canaã, era um local histórico real. Mas também serve como uma imagem de uma realidade maior que está por vir – a nova criação no fim dos tempos. Deus está revertendo a queda e restabelecendo para si um povo que viverá em um certo lugar debaixo do seu governo, como Adão e Eva viveram. Ainda não é um retorno completo ao Paraíso, mas é um prenúncio dele.¹

1 Tudo no Antigo Testamento precisa ser entendido como um prenúncio das realidades maiores do Novo Testamento. E essas realidades do Novo Testamento precisam ser entendidas como um retorno às condições do Éden que as criaturas de Deus antes desfrutavam. Aqui está uma ilustração que o professor pode achar útil e usar se julgar necessário: Imagine um projetor de slides antigo. Ele tem uma luz interna que brilha através de cada slide e, quando projetada na tela, uma imagem grande e bela aparece. Da mesma maneira, tudo no Antigo Testamento (terra, semente, bênção, reino, rei, sacerdócio, sacrifícios, tabernáculos, templo, profetas, etc) é como os *slides* para pôr no projetor. Por si só, eles não são muito empolgantes. São pequenos e difíceis de se ver. Certamente, olhando só para eles, ninguém consegue ver nenhum detalhe. Mas é porque eles não foram feitos para serem vistos por si só e, sim, para serem colocados no projetor e iluminados na tela. Só então, podemos ver todas as cores, formas e detalhes que constituem uma bela foto. Assim é o Velho Testamento. A terra, o rei, os sacerdotes e assim por diante nunca foram feitos para ser um fim em si mesmos. Foram estabelecidos para projetar algo muito maior. É como se a luz por trás deles fosse o padrão do Éden e eles, como os slides, servissem como padrão, entretanto, a realidade do Novo Testamento [as belas imagens que

Abraão e seus descendentes imediatos entenderam isso. Em **Hebreus 11.9-10**, lemos que: “Pela fé, Abraão obedeceu quando foi chamado para ir à outra terra que ele receberia como herança. Ele partiu sem saber para onde ia. E, mesmo quando chegou à terra que lhe havia sido prometida, viveu ali pela fé, pois era como estrangeiro, morando em tendas. Assim também fizeram Isaque e Jacó, que herdaram a mesma promessa. Abraão esperava confiantemente pela cidade de alicerces eternos, planejada e construída por Deus.”

Isso explica a verdadeira natureza da terra prometida – é uma cidade celestial construída por Deus e não pelo homem. Mas a peregrinação de Abraão também é um encorajamento para nós. Segundo o registro de Gênesis, Abraão vagou pelo resto de seus dias. Na verdade, o único pedaço de terra que Abraão possuiu oficialmente durante sua vida foi o túmulo onde enterrou sua esposa. E se compartilhamos da mesma fé de Abraão, é porque fomos chamados, como ele, de nosso lar natural neste mundo para a pátria celestial de Deus. Somos peregrinos que aguardam o cumprimento da promessa de Deus. Se mantivermos essa fé como Abraão fez, também compartilharemos das mesmas bênçãos que ele.

Então, essa foi a promessa de uma *Terra*.

Em segundo lugar, observe que, no **versículo 2**, Deus promete fazer de Abraão uma grande **nação**. Pela compreensão do desenvolvimento do reino de Deus, sabemos que esta nação é o povo *de Deus*. De Abraão, descenderia essa linhagem divina, que se originou em Eva e que, no futuro, daria à luz o Salvador do mundo. Isso fica claro no versículo seguinte, o **verso 3**:

Abençoarei os que o abençoarem
e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem.
Por meio de você, todas as famílias da terra
serão abençoadas.

Embora Abraão e seus descendentes constituam uma só família e nação, a bênção aqui é para todas as famílias. Por meio do relacionamento especial de Deus com os descendentes de Abraão, qualquer pessoa em qualquer lugar pode se arrepender de seus pecados e colocar sua confiança no Senhor Jesus Cristo para alcançar perdão, vida eterna e um relacionamento com Deus.

Até aí tudo bem. Mas, como isso vai acontecer? Vá para o capítulo 15.

Deus prometeu a Abrão que faria dele uma grande nação. Nos versículos 2 e 3:

Mas Abrão perguntou: “Ó Soberano Senhor, que me darás, se continuo sem filhos e o herdeiro do que possuo é Eliézer de Damasco?” E acrescentou: “Tu não me deste filho algum! Um servo da minha casa será o meu herdeiro!” (NVI)

Abraão tinha 75 anos de idade quando as promessas do capítulo 12 foram feitas e, durante toda sua vida, sua esposa, Sara, tinha sido estéril. Ele está começando a duvidar se algum dia terá um filho, quanto mais filhos de uma nação inteira. Portanto, Deus reafirma sua promessa a Abraão.

Continuando no capítulo 15, versículo 6:

aparecem no telão] é que é o objetivo de toda a ideia do projetor. Como está escrito em Colossenses 2.17: “Pois essas coisas são apenas sombras da realidade futura, e o próprio Cristo é essa realidade.”

Abrão creu no Senhor, e isso lhe foi creditado como justiça. (NVI)

Abraão é considerado justo aos olhos de Deus por causa de sua fé. Depois de termos visto como a raça humana é pecadora, isso é uma boa notícia para Abraão. Abraão era pecador como todo mundo, mas ele passou a ser considerado justo por causa de sua fé em Deus. Esta é uma doutrina que Paulo enfatiza frequentemente no Novo Testamento. Em Romanos 4 e Gálatas 3, Paulo usa esse mesmo versículo para provar que a única maneira de alguém poder ser justo aos olhos de Deus é pela fé, e somente pela fé. A Bíblia é clara que ninguém jamais pode, por meio de seu bom comportamento, boas ações, frequência à igreja, batismo ou qualquer coisa em si mesma, merecer ou conquistar essa justiça necessária. Mas podemos recebê-la pela fé.

Então, já vimos um pouco da promessa de Deus um povo e, por causa do obstáculo que Deus soberanamente colocou no caminho (a esterilidade de Sara), descobrimos uma característica importante desse povo: a fé.

Terceiro, então, vamos considerar o *governo* de Deus sobre seu reino. Curiosamente, este aspecto do plano de Deus não fica tão claro na história de Abraão. Mas isto faz sentido, porque é a parte que as pessoas fracassaram em cumprir no jardim do Éden. Então, simplesmente não faz sentido Deus apenas impor de novo o seu governo. Em vez disso, o governo de Deus terá de assumir uma nova forma. E é exatamente isto que vemos. Dê uma olhada no capítulo 15, onde Deus faz uma aliança com Abraão. Um pacto, neste contexto, é um vínculo e um acordo solene entre duas partes, com termos e condições, que só pode ser quebrado sob pena de morte.

No versículo 8, Abraão tem que perguntar – e certamente consigo me identificar com ele aqui – “Ó Senhor Soberano, como posso ter certeza de que a possuirei de fato?” Afinal, as promessas de Deus a Adão e Eva dependiam de sua obediência e, por isso, eles falharam. E quanto a essas promessas? Deus, então, responde rapidamente no versículo 13: “Fique sabendo, com certeza, que...” (NAA). O ritual de sacrifício e mutilação de animais que encontramos no restante deste capítulo é projetado para que Abraão possa ficar “sabendo, com certeza,” que Deus cumprirá as suas promessas², porque quando chega a hora de Deus e Abraão firmarem o pacto juntos, Deus coloca Abraão para dormir e o faz sozinho. Em outras palavras, esta é uma aliança que Deus cumprirá *independentemente* da obediência de Abraão. É uma aliança da graça.

² Se quiser, explique que Abraão não passa pelos animais mortos. Só Deus passa. E observe que não há nenhuma obrigação para Abraão de manter sua parte na aliança. Há somente promessas vindas da parte de Deus! Esta aliança é totalmente unilateral, na qual Deus estabelece todos os termos, e totalmente incondicional. Deus *manterá* essas promessas independentemente das ações de Abraão e de seus descendentes. Agora, isso não significa que os descendentes de Abraão nunca terão nenhuma obrigação. Então, surgem as perguntas: As condições que os descendentes de Abraão devem cumprir serão acrescentadas mais tarde? Quando será isso? [ESPERE ALGUÉM RESPONDER] Eles receberão alguns deveres em Gênesis 17, contudo, a maior parte das responsabilidades da aliança de Israel será dada no Monte Sinai, depois de Deus os tirar da escravidão por meio de seu servo Moisés. Estudaremos mais sobre isso futuramente. O mais importante agora é saber que a promessa veio antes das obrigações. Portanto, embora Israel tivesse recebido depois deveres reais e houvesse consequências reais se eles não fossem fiéis, as promessas ainda permaneceriam de pé. Isto acontece porque o plano de redenção de Deus, do qual esta promessa faz parte, depende de *sua* graça e *seu* desejo de renovar o universo com uma humanidade renovada nele. Não depende do homem pecador. Nós já vimos o quão longe o homem pecador conseguiu chegar. **Gálatas 3.17-18**: “É isto que quero dizer: a lei, que veio 430 anos depois, não pode anular a aliança que Deus estabeleceu com Abraão, pois nesse caso a promessa seria quebrada. Portanto, se a herança pudesse ser recebida pela obediência à lei, ela não viria pela aceitação da promessa. No entanto, Deus, em sua bondade, a concedeu a Abraão como promessa.”

Veremos alianças muito mais vezes em nosso Seminário Essencial do Velho Testamento. Por enquanto, estamos vendo Deus em aliança com Abraão, uma que abençoará todas as nações do mundo como lemos em Gênesis 12. Mas, ao contrário do governo de Deus que vimos em Gênesis 2, onde a aliança dependia de Adão e Eva cumprirem sua parte, esta é unilateral: dependente apenas de Deus. No capítulo 26, lemos sobre como as promessas da aliança são passadas para Isaque, filho de Abraão, e depois novamente passadas para *seu* filho, Jacó, no capítulo 35. Em tudo isso temos: povo, lugar e, embora com menos clareza, governo.

Por que será que estamos tratando desse assunto tão lentamente? Aliás, por que Moisés de repente se foca nisso aqui? Afinal, os capítulos 1 a 11 de Gênesis se passam num âmbito cósmico e tratam de eventos de escala mundial. Então, de repente, o foco do livro muda para o relacionamento de Deus com um único homem: Abraão. Por quê? Porque nessas promessas vemos a planta do projeto redentivo de Deus, no qual ele toma os pedaços quebrados do Éden (o povo de Deus, no lugar preparado por Deus, sob o governo de Deus) e começa a juntá-los novamente. Isso tudo nos leva a Isaque, porque essas promessas feitas a Abraão não foram cumpridas durante sua vida, mas repassadas a seu filho. E assim esta linhagem familiar se torna a linhagem da promessa – conforme vimos em Gênesis 3.15.

2. DEUS E ISAQUE:

Abraão finalmente tem um filho. E, naturalmente, o leitor se pergunta se este é o prometido? Bem, à medida que lemos, descobrimos que a resposta é não. Isaque comete muitos dos mesmos erros que seu pai cometeu e morre sem ver as promessas cumpridas. Mas ele não morre sem um herdeiro por meio do qual as promessas possam continuar. Então, é seu filho Esaú quem receberá a bênção e levará o Reino de Deus adiante? Afinal, ele é o primogênito. Surpreendentemente, a resposta é não. Seu irmão mais novo, Jacó, é o herdeiro da aliança! Deus, por meio de sua livre escolha, decidiu que seria através de Jacó que seu plano de redenção continuaria.

A ideia de Deus escolher quem será seu é uma das doutrinas mais desafiadoras da Bíblia. É a doutrina da **eleição**. É a doutrina de que alguns recebem graça, e esses “alguns” são escolhidos por Deus com base puramente na graça, não com base em qualquer coisa que tenham feito.

Por que Deus escolheu um filho em vez do outro? Jacó era mais justo do que seu irmão gêmeo Esaú? Hum... não! Basta ler os capítulos subsequentes. Jacó é um oportunista dissimulado e enganador. Se você acha que Jacó foi escolhido porque era mais justo que Esaú, ou mais fiel a Deus, terá muita dificuldade de entender o resto da história de Jacó. Vou ler para vocês a explicação de Romanos 9 sobre a escolha de Deus:

...mas também Rebeca, ao conceber de um só, Isaque, nosso pai. E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço. (Romanos 9:10b-12 – ARA)

Vocês ouviram isso? Deus escolheu Jacó *antes* que qualquer um dos gêmeos tivesse feito algo bom ou ruim. *Então*, a razão pela qual ele escolheu Jacó foi para que “o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse”. E qual é esse propósito? Que a inclusão na família especial de Deus possa acontecer “não por obras, mas por aquele que chama”.

Percebem a importância dos temas que Deus está revelando através desta família? Aqui, aprendemos outra coisa sobre o povo de Deus: eles se tornam parte do povo do Senhor pelo fato de serem chamados por Deus à fé, não por serem fisicamente descendentes de Abraão.

Não temos direitos sobre Deus. Somos todos rebeldes. Se recebemos alguma coisa boa de Deus, é por pura e absoluta **graça!** E esta graça é para a glória de Deus. A graça de Deus tem o objetivo de nos humilhar, mostrando-nos que não temos nada para nos gabarmos diante do Senhor, e tem como alvo dar glória a Deus por sua imensa generosidade conosco, nos permitindo conhecê-lo por meio de seu Filho e nos incluindo em seu reino gracioso.³

Então, através da família de Isaque, aprendemos um pouco mais sobre o plano de redenção divino. Vamos agora focar nossas atenções em seu filho Jacó para ver o que podemos ir aprendendo, à medida que a história da semente da mulher se desenvolve.

3. DEUS E JACÓ

De Jacó, viria a grande nação que Deus prometeu a Abraão. Abraão teve somente um filho legítimo. Isaque teve dois, mas apenas um foi incluído na promessa. Agora Jacó tem doze filhos e as coisas realmente começam a caminhar. Pelo menos numericamente falando, à medida que a família de Jacó (lembre-se, Deus mudou o nome de Jacó para Israel) começa a crescer e se tornar a grande nação que Deus prometeu. Em especial, nos concentraremos em José, um dos filhos de Jacó.

Vejam a **história de José** brevemente. Abram em Gênesis 37.9-11. José sonha que sua mãe, seu pai e todos os seus irmãos se curvam diante dele.

Este sonho é uma profecia do futuro papel de José como salvador. No entanto, seus irmãos não estavam nada satisfeitos com seu irmão mais novo arrogante. O versículo 11 diz que eles estavam com ciúmes e, no final do capítulo, venderam José como escravo no Egito. Lá, ele pôde trabalhar para chegar a uma posição elevada, mas, quando foi falsamente acusado pela esposa de seu mestre, acabou sendo preso. Depois de muitos anos na prisão, finalmente foi libertado, mas desta vez, pelo surpreendente agir de Deus, ele passa a trabalhar como primeiro-ministro do Egito! Faraó o encarrega do suprimento de alimentos para a nação e, quando chega a fome, é a sabedoria e previsão de José, que ele declara ter vindo de Deus, que salva os egípcios. Ele também salva muitas outras nações ao redor deles – incluindo sua família em Canaã. [Note José funcionando como um *tipo* de Cristo]

Há muitas coisas nesta história que poderíamos tratar, mas vamos olhar apenas uma. Vamos ver a resposta de José quando encontra seus irmãos novamente, depois de todos os problemas que ele tinha enfrentado; os mesmos irmãos que o tinham vendido e entregado para aqueles problemas sofridos durante todos aqueles anos. Vamos para o capítulo **45:4-5**.

³ Há muitos que são contrários a essa doutrina por motivos filosóficos. Embora essas questões filosóficas mereçam respostas, e existem respostas para elas, elas estão além do escopo desta aula. J.I. Packer, Wayne Grudem, R. K. McGregor Wright e, é claro, João Calvino e Jonathan Edwards são bons autores para ler sobre esse assunto.

“Cheguem mais perto”, disse José. Quando eles se aproximaram, José continuou: “Eu sou José, o irmão que vocês venderam como escravo ao Egito. Agora, não fiquem aflitos ou furiosos uns com os outros por terem me vendido para cá. Foi Deus quem me enviou adiante de vocês para lhes preservar a vida.

Ou, como ele diz mais tarde, no capítulo 50.20: “Vocês pretendiam me fazer o mal, mas Deus planejou tudo para o bem. Colocou-me neste cargo para que eu pudesse salvar a vida de muitos.”

Não é interessante? José reconhece que *eles* o venderam como escravo, logo, não podiam escapar da responsabilidade por suas ações. Porém, ao mesmo tempo, ele diz que *Deus* o enviou antes deles. Por quê? Para preservar a vida da fome.

Que reviravolta surpreendente! Que demonstração da graça de Deus! Nós temos responsabilidade real pelo que fazemos, seja bom ou mau. Mas, em última instância, Deus supervisiona tudo. Seu controle é completo e total. Mais que isso, ele usa esse controle absoluto tanto para defender a justiça quanto para demonstrar misericórdia, assim como José está fazendo aqui. Lembre-se de que, de uma perspectiva teológica, havia mais em jogo aqui do que apenas o povo do Egito. Deus tinha prometido a Abraão que usaria a sua semente para abençoar o mundo – uma continuação da promessa de um Salvador feita a Adão e Eva. E a ameaça de fome para Jacó e sua família ameaçou a extinção da linhagem por meio da qual Deus prometeu salvar o mundo. Portanto, a história humanamente impossível de José, que foi quem salvou aquela família, realmente mostra até onde Deus irá para cumprir sua promessa. Deus realmente planejou essas coisas para o bem.

É certo que, às vezes, é muito difícil ver como Deus está no controle quando tantas coisas trágicas e desastres acontecem. Não estamos dizendo que sempre podemos entender o que Deus está fazendo. No entanto, podemos ter certeza de que o universo não está girando fora do controle do seu Criador. Ele está fazendo coisas boas a partir de cada situação, não importa o quão difícil seja de ver. Tenho certeza de que mesmo José, às vezes, em sua cela de prisão se perguntava o que Deus estava fazendo com ele. Mas ainda assim, aqui no final, José conseguiu ver o que Deus estava fazendo: preparando tudo para salvar muitas vidas através dele. E, contudo, por mais satisfatório que isto possa ter sido, José nunca pôde compreender toda a extensão do verdadeiro bem que estava sendo realizado, enquanto estava nesta vida.

E temos uma imagem desse bem ainda maior quando deixamos o livro de Gênesis. Acontece que José não era o Descendente que viria ao mundo. Em vez disso, seria por meio de Judá, seu irmão, que o Rei viria.

Vamos para o **capítulo 49.8**. Esta é uma profecia sobre **Judá**, um dos filhos de Jacó.

Judá, seus irmãos o louvarão,
sua mão estará sobre o pescoço dos seus inimigos;
os filhos de seu pai se curvarão diante de você. (NVI)

Vocês conseguem ouvir um eco de Gênesis 3.15 aqui, quando o texto diz “sua mão estará sobre o pescoço dos seus inimigos”? Vejamos o **versículo 10**:

O cetro não se apartará de Judá,
nem o bastão de comando de seus descendentes,

até que venha aquele a quem ele pertence,
e a ele as nações obedecerão. (NVI)

O que temos aqui é uma profecia de que de Judá viria um governante, um rei, para o povo. E esse rei seria aquele que triunfaria sobre Satanás, esmagando sua cabeça – Jesus. As palavras desta profecia são um pouco vagas, é verdade, mas este conceito ficará mais claro à medida que continuarmos avançando pelo Velho Testamento.

Desta maneira, fizemos uma jornada incrível, por três gerações, para ver o plano redentivo de Deus começar a se desdobrar. O povo de Deus – um povo chamado por Deus pela fé – no lugar preparado por Deus, sob o governo de Deus – o governo do prometido Salvador do mundo. O povo de Deus, a linhagem da promessa, está sob grande perigo ao longo desses capítulos. E, ainda assim, Deus os salvou. O povo de Deus permanece intacto. Mas a que custo?! Veja o último versículo do livro: “José morreu com 110 anos. Os egípcios o embalsamaram e o colocaram em um caixão no Egito.”

O povo de Deus ainda está no lugar escolhido por Deus? Certamente não: “o colocaram em um caixão no Egito.” Foi por isso que o próprio Deus teve de aparecer para Jacó no capítulo 46 para convencê-lo a ir para o Egito a convite de José, porque Jacó entendia as consequências teológicas de deixar o lugar escolhido de Deus.

Assim... ao encerrarmos Gênesis, começamos a ver o povo de Deus sendo criado. Eles ainda estão sob o governo de Deus. Mas eles estão fora do lugar escolhido por Deus. Teremos de esperar até a próxima semana para ver como Deus agirá para trazer seu povo de volta ao seu lar terreno.